

## REFORMA E AQUISIÇÃO DA NORMA ORTOGRÁFICA

Gabriela Nunes Cardoso<sup>1</sup>  
Fabianna Bellizzi Simão Carneiro<sup>2</sup>

### Resumo

Muito se discute sobre o deficiente ensino brasileiro, não só o ensino de Português, como de outras disciplinas de uma forma geral. Esta questão, muito discutida por pessoas da área da pedagogia e da educação pode ser para nós uma possibilidade de novas perspectivas na área da educação, que podem fornecer um outro caminho para um problema que há muito ocupa salas de debate e mesas de educadores. No caso específico deste trabalho, o problema se concentra em uma ortografia deficitária e que ainda se agrava com as recentes normas estabelecidas no Novo Acordo Ortográfico. Questão principal que se coloca: como tornar o ensino ortográfico mais prazeroso e fugir do ensino engessado e rígido até então colocado para os alunos? Esta e outras questões serão melhor analisadas e trabalhadas ao longo deste nosso percurso de estudo para que então possamos estar mais amadurecidas e seguras no enfrentamento dos problemas e oportunidades que surgirão durante nossa vida acadêmica.

**Palavras-Chaves:** Ensino de Português; Ortografia; Reforma Ortográfica

### 1. Introdução

Primeiramente, falaremos sobre algumas considerações relevantes sobre a ortografia, Luiz Carlos Cagliari em *Alfabetizando sem o bá, bé, bí, bó, bu* (1999) traz um detalhado percurso da história da ortografia da Língua Portuguesa, desde a presença dos romanos na península ibérica, passando pela presença dos árabes em terras portuguesas até que a língua de Portugal chegasse ao Brasil.

---

<sup>1</sup> Aluna Graduanda em Licenciatura Plena em Letras, possui projeto de iniciação científica com o tema Aprendizagem e Desenvolvimento em Contexto Escolar.

<sup>2</sup> Aluna Graduanda em licenciatura Plena em Letras, com bolsa de iniciação científica PIBIC.

O que se percebe, nos estudos de Cagliari, é que a ortografia é mais resistente às variações dialetais, “dando a impressão de que a fala não mudou muito.” (CAGLIARI, 1999, p.342). Por outro lado a escrita sofreu inúmeras alterações até se firmar de modo quase homogêneo entre os países falantes do português: “as palavras foram adquirindo uma forma padronizada pelo uso mais constante, fixando-se a ortografia que deveria valer para todos os usuários e ser um modelo para o ensino.” (CAGLIARI, 1999, p.343)

Data de 1904, de acordo com os estudos de Cagliari, o primeiro movimento, em Portugal, a favor da primeira reforma ortográfica. A proposta do movimento, liderado por Gonçalves Viana, tentava aproximar a ortografia da fonética de acordo com o que fosse possível. Interessante observar que Viana propunha que algumas palavras fossem grafadas muito próximas do que a fonética nos propõe, como *ficso* (fixo) e *prossimo* (próximo). Três anos depois, o Brasil recebia um projeto de reforma ortográfica proposto por Medeiros e Albuquerque, no qual percebia-se uma aproximação do modelo de Viana. Apesar de contestada por alguns, a proposta foi regulamentada em 1912.

No ano de 1929, a Academia Brasileira de Letras propõe um novo sistema ortográfico. Em 1931, acontece outro acordo a favor de uma unificação, com a participação da Academia Brasileira e Portuguesa. Posteriormente, em 1943 novamente os dois países discutem a unificação ortográfica, o que se repete ainda em outras décadas, até que em 1986 dá-se nova tentativa de unificação, porém poucos detalhes ficaram para se chegar a tal unidade entre os países.

E em 2009 entra em vigor o acordo ortográfico de 1990, além de Portugal e do Brasil, também São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Timor-Leste e Guiné-Bissau ratificaram o Acordo Ortográfico de 1990, embora estes últimos não o tenham implementado. Fica apenas a faltar a ratificação de Angola e Moçambique.

Importante destacar, e Cagliari o faz de forma brilhante, é que as alterações solicitadas para que a ortografia brasileira seguisse um determinado padrão, foram regimentada por meio de leis e decretos específicos. O que deveria ser um assunto da educação e cultura passou para a área legislativa:

(...) num país como o Brasil, a cultura e os assuntos culturais não têm vez e estão ausentes da vida das pessoas, mesmo dos políticos, a única saída que as pessoas têm para implantar a ortografia reformada é através das leis. E quem escreve

errado, como fica perante a lei? Comete uma contravenção? (CAGLIARI, 1999, p.348).

Atualmente, o baixo desempenho em ortografia constitui uma preocupação por parte dos professores. Percebemos que a maioria dos alunos saem do 3º ano do ensino médio sem ter domínio ortográfico e para nós como futuros professores de língua portuguesa é um grande problema a ser pensado e resolvido, sabemos que não será de imediato, mas se começarmos a elaborar outras formas mais interativas e chamativas para os alunos, aos poucos eles vão se adaptando à ela. Não podemos nos esquecer também que houveram recentes mudanças na nossa reforma ortográfica, diante dessa situação, elaboramos um problema. Os alunos estão conseguindo adaptar sua escrita de acordo com as regras da nova reforma ortográfica?

Portanto, nossa proposta é verificar a aprendizagem dos alunos do Ensino Médio a respeito da nova reforma ortográfica e como ela vem sendo adquirida no decorrer da aprendizagem, visando melhorar o desempenho ortográfico dos alunos e, conseqüentemente, seu nível de letramento.

As charges e histórias em quadrinhos podem ser um gênero textual interessante de análise da linguagem e muito atraente para os alunos. Este tipo de narrativa será um dos pilares de sustentação de um trabalho que tem como proposta principal não um fim em si próprio, mas reunir um arsenal de possibilidades que poderá guiar futuros mestres no belo ofício do ensino da Língua Portuguesa.

## **2. Fundamentação Teórica**

Há algumas décadas atrás, por volta da década de 60 do século XX, muitas crianças e adolescentes no Brasil tinham um forte apelo textual, incentivado pelos pais e pela escola. Este apelo textual era reforçado através de leituras em sala de aula ou até mesmo ao redor da mesa de jantar, no caso de famílias que tinham acesso a livros e possibilidades para tal. Ainda que esta possibilidade não se concretizasse, muitas famílias ainda conseguiam se reunir com seus filhos e transmitir estórias orais que lhes foram contadas por seus pais e avós.

Durante as décadas de 70 e 80 do mesmo século, alguns fatores históricos e sociais contribuíram para um certo empobrecimento da leitura. Podemos destacar aqui a invasão dos aparelhos de televisão que, não só contribuíram para diminuição da leitura, como permitiram um afastamento entre membros da família, de forma a esgarçar uma tessitura familiar baseada no contato, nas conversas, nas trocas culturais, na leitura de textos e na oralidade. Como bem observa Luiz Costa Pereira Junior, em *A Vida Com a TV – O poder da televisão no cotidiano* (2002), “a televisão entrou na corrente sanguínea do brasileiro. Ele passa, em média, quase quatro horas diárias com os olhos vidrados na televisão. Faz sentido. A TV não exige mobilidade (só controle remoto) nem alfabetização e é hipnótica.” (PEREIRA Jr, 2002, p.15). Uma colocação que vai bem ao encontro do que bem observa Néstor García Canclini em *Consumidores e Cidadãos – Conflitos Multiculturais da globalização* (1999): “o imediatismo e o valor do instantâneo se refletem no que os jovens videófilos buscam.” (CANCLINI, 1999, p.211)

Outros fatores também contribuíram para um distanciamento familiar e consequente distanciamento das leituras e vida escolar dos filhos. Por causa da crise econômica, e até mesmo graças às conquistas pessoais e profissionais, as mulheres assumem papéis fora do âmbito doméstico, conquistando espaços até então destinados aos homens. Não cabe, aqui, discutir questões de gênero ou sociológicas, mas não há como dissociarmos tais elementos do contexto escolar, visto que fatores sociais, econômicos, culturais e até mesmo afetivos interferem, sim, no aprendizado escolar.

E, assim, entramos no século XXI. Um século contraditório, pois se por um lado ele é rico em conquistas nas áreas de tecnologia, médica e digital, por outro lado, é pobre nas áreas afetiva e educacional. Especificamente no Brasil, onde a educação e o processo de alfabetização se massificaram a tal ponto que não se leva mais em conta a carga emocional que o aluno traz de casa e até mesmo o histórico de vida que ele possui. Apenas se buscam números e estatísticas. Como coloca Sergio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* (1995):

Não tem conta entre nós, os pedagogos da prosperidade que, apegando-se a certas soluções onde, na melhor hipótese, se abrigavam verdades parciais, transformam-nas em requisito obrigatório e único de todo progresso. É bem característico, para citar um exemplo, o que ocorre com a miragem da alfabetização do povo. Quanta inútil retórica se tem desperdiçado para provar que todos os nossos males ficariam

resolvidos de um momento para outro se estivessem amplamente difundidas as escolas primárias e o conhecimento do ABC. (HOLANDA, 1995, p.165)

Assim se compõe, na maioria dos casos, o cenário escolar brasileiro: um ensino distanciado da realidade dos alunos e que não leva em consideração seus problemas de aprendizado, problemas familiares e domésticos, enfim. Além disso, o ensino se apresenta pouco atraente, com leitura de narrativas densas para alunos ainda imaturos, fazendo com que essa se torne uma obrigação e não um prazer. Para piorar o quadro, percebemos que disciplinas estão isoladas entre si e o ensino de ortografia muitas vezes não leva em conta os avanços na área da sociolinguística. Resumindo: um ensino tecnicista demais e professores exaustos e sem ânimo para trabalharem com mais criatividade e trazerem atrativos outros para sala de aula que não apenas o livro e giz, ou seja, há muito trabalho para ser feito no campo da educação.

Daí a importância do trabalho que é desenvolvido nos estágios de licenciaturas: perceber que além das técnicas e teorias, há pessoas buscando aprendizado. Nossos alunos são pessoas e não apenas números estatísticos que preenchem formulários governamentais. De acordo com Selma Garrido Pimenta e Maria do Socorro Lucena Lima em *Estágio e Docência* (2004):

A perspectiva técnica no estágio gera um distanciamento da vida e do trabalho concreto que ocorre nas escolas, uma vez que as disciplinas que compõem os cursos de formação não estabelecem os nexos entre os conteúdos (teorias?) que desenvolvem e a realidade nas quais o ensino ocorre. (PIMENTA e LIMA, 2004, p.39)

Este será, portanto, o norteamento deste trabalho: não desconsiderar o histórico de vida e escolar que os alunos carregam, acrescentando a estes novas possibilidades de ensino (para nós, estagiárias) e novas possibilidades de aprendizado (para eles, alunos). Como bem coloca Selma Garrido e Maria do Socorro Lucena:

(...) o estágio passa a ser um retrato vivo da prática docente e o professor-aluno terá muito a dizer, a ensinar, a expressar sua realidade (...) e a de seus alunos, que nesse mesmo tempo histórico vivenciam os mesmos desafios e as mesmas crises na escola e na sociedade. (PIMENTA e LIMA, 2004, p.127)

Se o problema existe – no caso específico deste trabalho, leitura deficiente e ensino ortográfico pouco atrativo, podemos, a partir dele, retirar material que cimentará nossos

objetivos, lembrando que o fim do estágio ou a conclusão do projeto não podem, em hipótese alguma, encerrar nossas atividades e perspectivas em relação a um projeto de amplitude maior, que se estenderá por toda nossa vida acadêmica e profissional.

### **3. Novo Acordo Ortográfico:**

As novas regras do Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa, firmado entre os 8 países falantes do idioma, já estão valendo. Muitos livros didáticos já estão de acordo com a Nova Ortografia. Também os jornais, as editoras, os portais de conteúdos já estão se adaptando às novas formas de escrever.

Como profissionais da educação e especialistas em Letras, aprendemos que a escrita é uma das principais formas de comunicação presente em uma sociedade, daí que esta unificação aproximará milhões de pessoas ao redor do mundo que utilizam a Língua Portuguesa. Pelo menos esta é a proposta dos Governos envolvidos nesta mudança.

Nossa proposta em trabalhar essas alterações da Língua Portuguesa de forma a causar interesse nos alunos se faz pertinente em se tratando de algo que envolve regras específicas e um tanto quanto engessadas. Para isso, precisamos de uma metodologia de forma que os alunos sofram menos com a adaptação e que garanta um aprendizado da forma mais tranquila possível.

Na sequência, faremos uma exposição falando sobre o surgimento da mesma, como ela é constituída e sua importância para a padronização da língua. Serão desenvolvidas, ao longo das aulas, exposições de imagens com propagandas escritas “erradas”, leituras de história em quadrinhos, gincanas culturais, ditados a partir de um texto elaborado, e o esclarecimento de eventuais dúvidas.

Temos como objetivos:

- Atualizar os alunos sobre as novas regras ortográficas firmadas no acordo entre os oito países envolvidos que falam Português.

- Estimular a criatividade dos alunos de forma que eles comecem a se interessar pelo tema (reforma ortográfica).
- Trabalhar a reforma e aquisição ortográfica por meio de uma forma lúdica para que o conteúdo seja fixado de uma maneira menos pesada e não na forma de “decoreba”.
- Apresentar imagens publicitárias, seja através de anúncios de rua (fotos, panfletos e propagandas comerciais em geral) ou anúncios de revistas e internet, que chamem atenção para a questão ortográfica no que se refere aos erros cometidos neste tipo de escrita, e que também tenham apelo visual.
- Trabalhar charges e tiras e, a partir destas, provocar um maior interesse nos alunos por leituras mais densas, ou que, pelo menos, as tiras e as imagens visuais sejam uma porta de entrada para o imenso terreno literário.

#### **4. Considerações Finais**

Tendo em vista feito todo o percurso para mostrar o processo e mudança que a ortografia percorreu, e que precisamos dela para neutralizar a variação linguística na escrita chegamos a conclusão que não é fácil ensinar ortografia para nossos alunos.

A nossa pesquisa é de acompanhar a aquisição da escrita (desempenho ortográfico) nos alunos da 3º série do ensino médio e como eles estão se adaptando à reforma ortográfica. Diante disso, nós como futuros professores devemos refletir e propor novas abordagens de ensino de ortografia.

É unânime o desalento dos professores quando manifestam suas dificuldades em lidar com o problema da ortografia nas produções de escritas dos alunos. Mas é certo que os professores, precisam desenvolver uma profunda mudança de atitudes e posturas em relação à ortografia, está claro que existe a necessidade de profundas mudanças nas práticas educacionais vigentes. Sobretudo aquelas que tendem a fazer do ensino algo cristalizado e unilateral, centrado no professor, que nem sempre procede a uma reflexão sistemática e profunda sobre os objetos de ensino e os sujeitos da aprendizagem.

Por isso precisamos desenvolver uma didática voltada para o ensino ortográfico de maneira a desprender os rigores, de forma a conhecer a grafia das letras nos tipos usuais (letra cursiva e de fôrma, maiúscula e minúscula), estabelecer a relação entre os sons da fala e as letras, dominar o mecanismo e os recursos do sistema de representação escrita compreendendo suas funções e conhecer as variedades de combinações de letras utilizadas para escrever.

### **Referências:**

CAGLIARI, L.C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo, 1989.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos**. Conflitos Multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PEREIRA Jr, Luiz Costa. **A vida com a TV**. O poder da televisão no cotidiano. São Paulo: SENAC, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.